



USP ESALQ – DIVISÃO DE COMUNICAÇÃO

Veículo: Revista Cafeicultura

Data: 07/05/2018

Caderno/Link:

<http://revistacafeicultura.com.br/index.php?tipo=ler&mat=66191&prevencao-a-ferrugem-do-cafeeiro-pode-feita-com-antecedencia-aproximada-de-30-dias.html>

Assunto: Previsão de ataque da ferrugem do cafeeiro pode ser feita com antecedência de aproximada de 30 dias

Tecnologias

Previsão de ataque da ferrugem do cafeeiro pode ser feita com antecedência de aproximada de 30 dias

Estudo verificou que a temperatura mínima e a umidade relativa do ar são as variáveis mais relacionadas com o desenvolvimento da ferrugem

Imprimir

Enviar

0
Comments

Curtir 0

Compartilhar

Tweetar

G+

🕒 postado em 07/05/2018 | Há 2 dias

👤 Texto: Caio Albuquerque (23/04/2018) (foto crédito: Fernando Dill Hinnah)



Um estudo desenvolvido no Programa de Pós-graduação em Engenharia de Sistemas Agrícolas, da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (USP/Esalq), poderá ajudar produtores de café no controle e prevenção da ferrugem do cafeeiro.

De autoria de Fernando Dill Hinnah e com orientação do professor Paulo Cesar Sentelhas, do departamento de Engenharia de Biosistemas, o estudo realizou análises epidemiológicas que permitiram esclarecer quais variáveis ambientais influenciam o seu desenvolvimento. Utilizando um banco de dados da evolução da doença e de medidas meteorológicas, verificou-se que a temperatura mínima e a umidade relativa do ar são as variáveis mais relacionadas com o desenvolvimento da ferrugem, gerando um modelo de previsão que resultou no melhor controle da doença.

A ferrugem do cafeeiro – Causada pelo fungo *Hemileia vastatrix*, a ferrugem do cafeeiro é conhecida desde 1867, quando uma epidemia dizimou as plantações existentes no então Ceilão, atual Sri Lanka. No Brasil, a doença foi registrada pela primeira vez em 1970. "Atualmente, duas a três aplicações de fungicidas são necessárias para o seu controle, número variável conforme a favorabilidade ambiental em cada safra", aponta o pesquisador. "Para saber se uma safra é mais favorável do que outra, e o risco das regiões de cultivo, este trabalho foi desenvolvido. Desta forma, a ferrugem do cafeeiro pode ser melhor manejada, desde a escolha de cultivares tolerantes ou resistentes em regiões favoráveis a doença, e na aplicação de fungicida na data mais adequada durante uma safra", pondera Fernando Hinnah.

O modelo proposto foi utilizado em experimentos para controle da doença no campo, a partir de diferentes datas de aplicação dos fungicidas, em contraste às aplicações denominadas calendarizadas, que são tradicionais. "Estas aplicações calendarizadas desconsideram a influência do ambiente na evolução da doença, considerando apenas o período residual dos produtos".

Foram mapeados sete experimentos realizados em lavouras comerciais, sendo em Varginha (2), Boa Esperança (2), Uberlândia, Campinas e Buritizal. "No geral, o sistema de alerta desenvolvido resultou no melhor controle da doença. Os modelos gerados foram pensados em facilitar a vida do produtor rural, reduzindo o potencial de resistência do patógeno ao fungicida devido as aplicações apenas quando necessário, bem como resultando no melhor controle da doença".

O modelo é simples, automaticamente gerado por cálculos que necessitam de variáveis ambientais obtidas em qualquer estação meteorológica. "Dessa forma, os produtores não precisam possuir estações meteorológicas em sua propriedade, o que aumentaria o custo, nem realizar medições da doença no campo. Com a nossa proposta, o produtor rural fica sabendo com antecedência aproximada de 30 dias, qual a melhor data de aplicação, podendo planejar as atividades, e estando com o maquinário pronto quando necessário".

Para a realização do trabalho, Hinnah realizou intercâmbio durante seis meses na Iowa State University, EUA. Durante este período, esteve no laboratório do professor fitopatologista Mark Gleason, pesquisando as relações entre as diferentes fases do fenômeno El Niño e a ferrugem do cafeeiro. "Este trabalho demonstrou a pouca influência do fenômeno nas áreas pesquisadas, que são denominadas áreas de transição para este fenômeno".

O doutorando foi bolsista CNPq no primeiro ano de doutorado, e Fapesp nos demais anos, o que possibilitou a realização dos experimentos e de todas as pesquisas. Os trabalhos foram realizados em parceria com pesquisadores do Instituto Biológico, da Embrapa Informática e da Fundação Procafé, que deram contribuições fundamentais ao trabalho.

